

PELO COMBATE AO ESQUECIMENTO: CLÁSSICOS DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA II

RESENHA

Aline de Moraes Limeira

Universidade Estadual do Rio de Janeiro – UERJ

Fundação Biblioteca Nacional

Núcleo de Ensino e Pesquisa em História da Educação

A série *Clássicos da educação brasileira*, em seu segundo volume, é uma das inúmeras e diversificadas iniciativas que integram o *Projeto pensar educação, pensar o Brasil*, desenvolvido por professores e estudantes da Universidade Federal de Minas Gerais, com intuito de refletir acerca de alguns projetos de Brasil e o lugar ocupado pela Educação e pela Escola em cada um deles ao longo do tempo. Interessada em acompanhar de perto estes investimentos, resenhei o primeiro volumeⁱ, organizado por Maria do Carmo Xavier e publicado pela Mazza Edições em 2010ⁱⁱ. Na ocasião, observei que, a partir dos recortes realizados, das seleções e dos esquecimentos operados para convocar as “principais obras sobre educação brasileira publicadas no Brasil” (p. 223), o primeiro volume havia produzido determinados efeitos.

Os dez clássicos, objetos de atenção daquele livro, foram produzidos por quem se propôs pensar a educação no século XX, sujeitos de destaque no cenário político, em sua maioria homens com atuação em São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro – apenas um dos clássicos era de autoria de uma mulher. Da mesma forma, foi possível notar outras impressões iniciais daquela iniciativa, como o fato de serem múltiplos os campos de conhecimento aos quais estavam filiados os autores desses clássicos: sociologia, teologia, filosofia, psicologia, filologia.

Desta feita, esta segunda etapa do investimento – agora organizado por Juliana Cesário Hamdan e Maria do Carmo Xavier – vem ao encontro da já salientada expectativa em acompanhar suas atraentes prescrições de leituras acerca de alguns dos mais conhecidos autores e obras do campo da Educação no Brasil. A lembrança e escolha dos 10 clássicos publicados

entre as décadas de 1890 e 1980 e trazidos à luz na escrita de seus resenhistas se justificou pela perspectiva do esquecimento. Os empreendedores da série consideraram que esta marca – a do olvidamento – era algo a ser combatido, visto que estes nomes permitem acessar um “panorama do pensamento educacional brasileiro” (p.12).

Enfrentar o manejo das palavras escritas exige observar sua condição de produção. Neste caso, consiste em notar que a proposta de resenha coloca-me diante de limitações e escolhas: o livro é um exercício de resenhas já realizadas, as considerações acerca dos clássicos estão apresentadas. Por isso, aquilato menos penoso ao leitor dar a ver alguns elementos do regime de leitura a que foi submetido cada um destes clássicos, a operação realizada pelos estudiosos convidados. Além disso, adianto que o olhar lançado a este volume é também particular porque está revestido da tarefa de comparação. Sou um leitor cuja pretensão é acompanhar os efeitos produzidos pelo conjunto da iniciativa, pelas edições da coleção.

Seguindo uma mesma orientação do volume anterior, os dez capítulos, cujo número de páginas varia entre 20 e 28, têm seus títulos homônimos aos respectivos clássicos resenhados. O primeiro deles é *A Educação Nacional* de José Veríssimo, analisado pela pesquisadora da UFF, Cláudia Alves. Seus destaques organizam-se em torno de uma pequena biografia deste intelectual das letras – professor, crítico literário e jornalista – e da conjuntura específica de emergência de sua obra. Ocupando cargos públicos na Educação, este paraense publicou o livro em 1890 e, 16 anos depois, uma segunda edição com acréscimos foi produzida e, posteriormente, também reeditada em formato ampliado. Salientando menos a estrutura da obra que os comprometimentos políticos e experiências do autor, Cláudia Alves destaca as defesas e as proposições de José Veríssimo em prol de uma Educação Nacional.

Outra *A Educação Nacional* foi pensada: trata-se da obra do jornalista e político paulista Mário Pinto Serva. Publicado em 1924, o livro foi sumariado pelo professor da UFU, cujo destaque introdutório data a emergência do termo “Educação Nacional” e os seus usos políticos em 1878 no Brasil – afirmação amparada a partir de referências a Lourenço Filho. José Carlos S. Araújo, organizou sua escrita com reflexões acerca do autor – suas experiências, vínculos e demais publicações – e da obra – condições de produção e conteúdo, com muitos fragmentos citados no texto. Preocupado em salientar o caráter particular que a leitura deste clássico proporciona em relação ao conjunto da obra do autor, o resenhista

seguiu com seus “destaques, de natureza pontual” (p.54), realçando a historicidade dos argumentos de Serva.

Gladys Mary G. Teive esquadrinha as *Sugestões sobre a Educação Popular no Brasil* de Orestes de Oliveira Guimarães. Interessada em apresentar o autor do clássico publicado em 1924, a professora da UDESC aponta sua trajetória, vínculos e realizações no campo da Educação. Da conjuntura política e social dos anos iniciais da República, e do engajamento do professor paulista, ela retira elementos que deram forma às suas sugestões. Como deixa ver a resenha de Gladys Teive, tais proposições procuraram dar vida ao projeto de “desanalfabetização” da população, cuja eficácia estaria necessariamente articulada às ações do Estado.

Os *Debates Pedagógicos* de Alceu Amoroso Lima representam o quarto capítulo do livro. Destacando as características do pensamento deste autor e do seu tempo, Carlos Henrique de Carvalho perscruta o compromisso que se assume, no clássico e na sua trajetória, de afirmação do ideário católico diante dos diversos debates travados em torno da escolarização no Brasil. O professor da UFU estrutura a escrita a partir da apresentação ao leitor dos feitos, “prestígio” (p.97) e vínculos deste carioca para, em seguida, dar a ver os argumentos e propostas em torno do combate à laicização do ensino que constituem a obra de 1931.

Por Natália de Lacerda Gil o clássico de Teixeira de Freitas é resenhado. *O que dizem os números sobre o ensino primário* é o segundo livro deste autor, e foi publicado três anos após o primeiro, em 1937. Destacando seus vínculos com importantes agências públicas de produção de dados estatísticos e com o campo da educação, a professora da UFRGS evidencia o lugar de onde esta produção emerge. Neste caso, se os demais autores pensaram a educação a partir do seu funcionamento, este intelectual baiano se inscreveu de forma particular no debate, argumentando e diagnosticando com base em números. Mais interessantes, no entanto, são os argumentos de Natália Gil porque dão conta de observar os jogos de força em torno da legitimação de tais dispositivos.

Armanda Álvaro Alberto é a única mulher presente no conjunto de dez clássicos selecionados para compor o volume. A autora de *A Escola Regional de Meriti* tem sua trajetória e obra confundidas a partir da escrita de Ana Chrystina Venâncio Mignot, cuja pesquisa também é dada a ver no registro da construção e do interesse pessoal. A professora da UERJ esquadrinha causas, projetos e ideias que mobilizaram esta mulher nos

anos iniciais do século XX. Com isso, deixa ver as razões que a fizeram voltar-se para o registro de sua própria experiência, de seu “pioneirismo” (p.148), com a educação pública no Rio de Janeiro – convocando, para tal, o testemunho de intelectuais parceiros seus da vida e da profissão.

As defesas levantadas por Anísio Teixeira são destacadas em *Educação não é privilégio* por Clarice Nunes. A professora da UFF, convidando aos estudos de Marisa Cassim, analisa a obra e seu processo de produção, cujo resultado final foi publicado em 1957, sem deixar de dar visibilidade aos pertencimentos de seu autor – um nome tão clássico quanto suas produções e lutas advogadas no campo da educação desde o Brasil Imperial. Nesta escrita, Clarice Nunes também atentou à circulação do livro, observando resenhas e menções nos artigos de jornais da época. Neste caso, esta dimensão abordada permite observar apropriações, impacto e críticas que favoreceram a visibilidade da obra.

A Educação Secundária: Perspectiva Histórica e Teórica é o oitavo capítulo deste volume. Examinado por Gisele Cristina do Vale Gatti, o clássico é apresentado a partir de considerações a respeito das atuações profissionais de seu autor e das suas condições de produção. Publicado pelo Instituto Superior de Estudos Brasileiros em 1969, o livro é, ao mesmo tempo, a segunda e terceira produção de Geraldo Bastos Silva, considerando que a mesma é uma versão ampliada e revista daquela que foi publicada anteriormente em 1959. Na resenha de Gisele Gatti é possível observar as características da escrita deste alagoano, cuja análise comparativa procura cobrir das origens aos tempos atuais a história do ensino secundário.

Autor, As Obras e A Educação e A Ilusão Liberal é a ordem construída na escrita de Dermeval Saviani. Casemiro dos Reis Filho é apresentado pelo professor da UNICAMP a partir de alguns aspectos de sua trajetória pessoal e profissional, operação que permite observar um conjunto de elementos que caracterizam os pensamentos do paulista em relação à educação pública. O clássico em questão é, por sua vez, examinado a partir de suas condições de aparecimento como tese de doutorado em 1974, que é anterior ao ano de publicação em forma de livro no ano de 1981. Realizando destaques acerca de temas, assuntos e argumentos apreendidos da obra, Saviani postula ao clássico seu pertencimento ao campo da História da Educação.

Marcus Aurélio Taborda de Oliveira resenha o clássico que completa o conjunto dos dez selecionados neste volume. *Estado, Educação e Desenvolvimento Econômico* foi publicado em 1982, embora também tivesse

sido produzido como tese em 1979. O professor da UFMG, menos preocupado em ressaltar uma biografia do professor mineiro e aspectos da conjuntura na qual é dada a ver a produção da obra, destaca as reflexões e as marcas do pensamento deste autor, sinalizando com muita propriedade limites, proposições, equívocos, pertencimentos, filiações teóricas e argumentos alavancados em defesa da Educação pública.

No que se refere aos efeitos de conjunto e algumas considerações

Organizado em 253 páginas, 10 capítulos e apresentação, o livro mantém uma estrutura e orientação, cujos efeitos aproximam-se da primeira iniciativa do projeto, o que evidentemente não é uma novidade, considerando que se trata de uma *Série*. Todos os clássicos reúnem um princípio comum: o entusiasmo pela Educação ministrada por uma instituição legitimada para tal fim, a escola. Neste caso, é este o elemento que justifica a seleção dos pensadores trazidos ao combate que se trava permanentemente contra o esquecimento de suas causas, projetos e reflexões acerca da Educação no Brasil.

O primeiro empreendimento estabeleceu as décadas de 1920 e 1960 do século XX como seleção temporal dos clássicos. Este segundo volume é produzido com relativo recuo e alargamento. Relativo porque manteve a unidade temporal referente ao contexto da República e do movimento Escola Nova, não obstante prescreva uma ambiência atinente aos anos 1890 até 1980.

Da mesma forma, outras seleções foram realizadas, como a que se refere aos respectivos autores considerados clássicos. Duas regiões do país estiveram em destaque no volume anterior como espaços de nascimentos ou atuação profissional: o Sul e o Sudeste. No volume atual, estes sujeitos – todos, homens com exceção recorrente de uma autoria feminina – também tinham vínculos estabelecidos com a região Nordeste e Norte do Brasil, sendo originários dos estados de Alagoas, Bahia, São Paulo, Rio de Janeiro, Pará e Minas Gerais. Outras impressões ainda saltam aos olhos, mas, no que se refere aos espaços de atuação, múltiplos, embora menos variados: magistério, jornalismo, crítica literária, política.

Por fim, com os elementos postos em circulação neste investimento é possível empreender um exercício crítico e cotejar a ideia de obra, conforme propõe Michel Foucault. Afinal, “o que é, pois esta curiosa unidade que se designa com o nome de obra?” (FOUCAULT, 2001, p.

271)ⁱⁱⁱ. Os estudos aquilatados no volume deixaram ver que alguns livros não nasceram sequer como projetos de livro, mas um conjunto de artigos, estudos, pesquisas variadas que foram reunidos posteriormente.

Destarte, ousou observar que a proposta de sistematização dos pensadores e pensamentos acerca da Educação e da Escola é tão válida que se sugere como necessidade sua ampliação, visto que a sensação é a de um conjunto de autores e obras provisório, incompleto. Tão interessante quanto vislumbrar releituras destes 20 clássicos seria também contemplar novos volumes para esta *Série* onde pudessem figurar diferentes ambiências, como o século XIX, e outros nomes como Edeiges Raetz de Schreiner, autora de *Idéia sobre a instrução primaria no Brasil* (1883), Maria Guilhermina Loureiro de Andrade, que publicou *Parecer sobre a organização dos Jardins de Infância* (1883), Antônio Almeida de Oliveira, autor de *O Ensino Público* (1874), Rui Barbosa com seus *Pareceres* sobre Educação da década de 1880, Primitivo Moacyr, com *A instrução e o Império* (1936 e 1938).

Os esforços e qualidade dos trabalhos precisam ser salientados, não somente pela sua estrutura. A investigação realizada pelos resenhistas, todos pesquisadores do campo da História da Educação, traduz um reconhecimento partilhado por muitos educadores: a necessidade de refletir acerca de seu próprio ofício e esquadrihar os vários projetos já pensados para dar forma ao processo de escolarização no país e à própria nação.

Referência Bibliográfica

HAMDAN, Juliana Cesário e XAVIER, Maria do Carmo (Org.). *Clássicos da educação brasileira*. Vol. 2. Belo Horizonte: Mazza, 2011.

NOTAS:

ⁱ A resenha sobre o volume 1 da obra referida foi publicada no v.15 da *Revista História da Educação* (n. 35 Set./dez. 2011).

ⁱⁱ XAVIER, Maria do Carmo (org.). *Clássicos da Educação Brasileira*. Vol. 1. Belo Horizonte: Mazza, 2010.

ⁱⁱⁱ FOUCAULT, Michel. O que é um autor? In.: MOTTA, Manoel (Org.). *Ditos & Escritos III*. Rio de Janeiro: Forense, 2001.

Sobre a autora:

Aline de Moraes Limeira, Doutoranda em Educação na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, é pesquisadora bolsista da Fundação Biblioteca Nacional e do Núcleo de Ensino e Pesquisa em História da Educação. Realizou avaliação de artigo científico para Revista Roteiro (Edusc) e para Revista História da Educação (ASPHE).

Recebido em 01 de novembro de 2012

Aceito em 10 de fevereiro de 2013